

anchete

CASO CLÁUDIA
o dramático julgamento de
GEORGES KOUR

ITALIA

As fotos mais impressionantes do

TERREMOTO

Cr\$ 120,00 • N.º 1.495 • RIO DE JANEIRO, 13 DE DEZEMBRO DE 1980



Uma nova série
**A GUERRA DOS
ESPIÕES**

exclusivo
ROSE
"Por que me
divorciei de
PELÉ"

Em seu apartamento em
Nova Iorque com os
filhos Jeniffer, Kelly
e Edinho

uma publicação
bloch



EM FOCO

CHICO BUARQUE

em tom de abertura

Entrevista a Tarlis Batista ● Fotos de Luís Palma

● No início era o Chico Buarque, garotão ingênuo dos bares universitários de São Paulo, que de repente fez o Brasil inteiro cantar a sua *Banda*. O Festival da Canção de 68 o opôs — como *alienado*, com sua *Sabiá* — ao *engajado* Geraldo Vandré, o poeta de *Caminhando*. Esse episódio aconteceu pouco antes do AI-5, que iria mudar tudo. Chico se tornou um dos mais fiéis poetas do cotidiano brasileiro e — como não podia deixar de ser — colocou o dedo em muitas feridas e desagradou a muita gente. Veio o exílio na Itália, o retorno, a atuação em peças como *Gota D'Água*, *Calabar*, o pique do *Cálice* e, mais recentemente, o recado político da *Ópera do Malandro*. Mas a abertura também mudou muitas coisas e, com ela, Chico se vê, hoje, navegando num mar revolto de contradições e contestações. A mais recente polêmica — ou *pacote* de polêmicas — em que se envolveu foi desencadeada por sua entrevista no *Canal Livre* da TV Bandeirantes. Mais aberto do que nunca, nestes tempos de abertura, o próprio Chico tenta explicar aqui o que está realmente acontecendo com ele, a MPB e a cultura brasileira.

— *Os ataques dirigidos aos críticos têm alguma coisa a ver com os seus trabalhos?*

— Não tenho problema pessoal com qualquer crítico. Posso até gostar de um ou de outro. O fato é que torceram as minhas palavras, dizendo que estava negando o direito do crítico opinar, que não admitia críticas, quando não foi isso o que eu disse. Afirmo que a crítica tem de ser criteriosa, por ser importante. Não deve ser desonesta e incompetente, como acontece freqüentemente. Quando isso ocorre, ela se torna prejudicial a si mesma e à música popular brasileira. Além disso, quem começou essa briga toda não foram os músicos. Foram os críticos, que muitas vezes partem para ataques pessoais e torcem o que você fala. Fiquei assustado com a quantidade de coisas que foram escritas depois da entrevista que dei à Bandeirantes, com as conclusões tiradas. O que eu disse, repito a qualquer momento, em qualquer lugar. E tem mais: fui muito suave nas minhas declarações. Cheguei à conclusão, após aquela entrevista, que a crítica é mais cruel do que eu imaginava.

— *Além do que você falou, naquela ocasião, há algo mais que deva ser dito?*

— Há. Entre outras coisas, o que considero ser o papel do crítico, os interesses da grande imprensa e os serviços que a crítica presta a esses interesses. A verdade é que eu não fui atacado apenas pela crítica especializada. Os ataques vieram de todos os lados. Não gostaram, apenas, das referências que fiz à atuação dos críticos, mas — e principalmente — do que disse a respeito de Cuba e Angola. E eu não pretendo fazer nenhum exame de consciência. Esses críticos — que são aliados da grande imprensa — é que devem fazer uma avaliação dos seus trabalhos, das suas atuações. Por ironia, uma semana depois, fiz um *show* em que parte dos fundos revertia justamente para o Sindicato dos Jornalistas. Numa entrevista anterior, que não teve a mesma repercussão, eu disse que, na época da repressão, músicos e jornalistas eram aliados. Hoje, com a

abertura, essa aliança deixou de existir. Nossos interesses não estão mais coincidindo. Não tenho ilusões e tampouco quero ser aliado dos grandes capitães da imprensa. Eu só peço deles uma coisa: honestidade no tratamento das minhas declarações.

— *Os músicos eruditos também se sentiram atingidos por você?*

— Foi outro mal-entendido. Li as entrevistas em que condenaram as minhas declarações e tive certeza de que eles não assistiram ao programa. Foram envolvidos numa armadilha. Eu disse que a música popular brasileira não sofre uma carga de uma cultura erudita ou clássica, a exemplo do que acontece na Europa. Nós somos uma mestiçagem musical. Todo mundo sabe que o grande valor da obra de Villa-Lobos se deve ao fato dele ter bebido as fontes populares. Se o sujeito se apega demais aos valores europeus da música clássica ou erudita, está completamente distanciado da nossa realidade, do nosso povo. Foi isso que falei. E isso continuo repetindo. Dizer que Villa-Lobos e Pixinguinha partiram da mesma base, mas que Pixinguinha fez uma opção mercantil, soa muito ridículo. É uma injustiça com o mestre Pixinguinha, que morreu pobre.

— *Na entrevista da TV, você foi focalizado de copo na mão. A bebida é fundamental para o compositor?*

Explico: você, Tom Jobim e o saudoso Vinícius criaram uma imagem do compositor associada à mesa do bar, várias garrafas na mesa...

— Nós não fazemos a apologia da bebida. Faz essa apologia quem construiu as nossas imagens. No meu caso, eu detesto isso. Gosto de beber mas não sou favorável nem estímulo outras pessoas a beberem. E quer saber de uma coisa? Eu não gosto de bêbado. Confesso, porém, que, antes de subir no palco para fazer um *show*, tenho que tomar umas três doses de uísque. De cara limpa não dá. Já tentei e não consegui. O palco me inibe, a bebida me desinibe. Dá uma tremedeira nas pernas e eu não consigo cantar direito. Fazer *show*, para mim, é uma violentação.

SEGUE

“Não pretendo ser porta-voz da consciência brasileira, mas participo da MPB, que tem essa função”

Eu não gosto de fazer *show*. E tanto isso é verdade que parei de fazer *shows*. Só estou num ou noutro de caráter beneficente. Mas até com esses eu estou disposto a parar. Uma vez, em Mogi das Cruzes, São Paulo, cismeiei de não beber. Estava disposto a correr os riscos. Pisei no palco tremendo. Coloquei o pé no banquinho, apoiei o violão e tentei cantar *Valsinha*, de minha autoria em parceria com o Vinícius. Não deu. Minha voz saiu em vibrato, tão intensa era a tremedeira nas minhas pernas. Desde então, eu só canto sentado.

— *Será que isso acontece com o Tom? Acontecia com o Vinícius?*

— Acho que varia de pessoa para pessoa. Em nenhum dos três casos existe uma dependência da bebida. Tanto é verdade que eu estou sempre parando. Vinícius fazia assim e com o Tom é igual. Quando eu paro, não assumo o propósito de nunca mais beber. É apenas para dar uma enxugada... E fico numa boa, sem insônias e outros probleminhas. O Tom, por exemplo, ficou um ano sem beber. Quando resolveu acabar com a *lei seca*, tomou um grande porre, pra vingar o longo período de abstinência. A verdade é que acho gostoso tomar uisquinho, uma vodca, mas não faço propaganda de bebida. Não quero e nem desejo que isso se espalhe como exemplo. Jamais assumirei, no entanto, a atitude hipócrita de esconder um copo quando um fotógrafo se aproximar. Eu não sou propagandista de hipocrisia.

— *E no processo de criação, a bebida ajuda?*

— Não tem nada a ver. E aí está o problema da imagem que fazem da gente. Não construo a minha imagem através do momento que considero o mais importante, que é o da criação. Este é um momento solitário. Nessa hora não há fotógrafo, não tem entrevista, não tem nada. E não tem bebida. Ou pode ter. Um ou outro drinque social. Quando estou criando, não posso estar alterado ou de pileque. No momento de escrever uma peça ou compor uma música, tenho que estar sóbrio. E quer saber de uma novidade? Há muito tempo que eu não tomo um pileque.

A música como porta-voz dos brasileiros

— *Quando foi o último?*

— Pileque mesmo, brabo, não lembro. Acho que foi no *réveillon*. Não sou de ficar constantemente embriagado. Fico até com medo de falar nessas coisas para que não venham dizer que estou fazendo a apologia da bebida. A minha geração é a geração da birita, começou a beber influenciada pelos filmes americanos.

Nas telas, o galã brigava com a namorada, deixava ela em casa e partia direto para um bar onde enchia a cara, ficando muito engraçado. Pra gente, aquilo era muito romântico. Mas na verdade é perigoso para quem não sabe beber. Por isso eu me cuido. Quando passam as festas do fim de ano, dou uma parada.

— *Todos elogiam a maneira como você consegue colocar, em suas letras, uma visão feminina do amor. Mesmo assim, as feministas dizem que essa é uma postura machista. Você concorda com elas?*

— Quero saber onde e em qual música isso acontece.

— *Em algumas letras suas, a mulher aparece muito submissa ao homem...*

— Concordo. Mas essa é a realidade que a mulher vive entre nós. Se estou retratando o cotidiano, o nosso dia-a-dia, assim ela tem de ser colocada.

— *Onde o seu relacionamento com a Marieta, sua mulher, ajuda no processo de criação dessas letras?*

— É difícil falar do processo de criação. É uma coisa muito íntima. As relações íntimas, por outro lado, não têm qualquer interferência no processo de criação. Esse fenômeno ocorre até nas músicas feitas em parceria. Meu processo de criação é solitário. Quando tenho que colocar letra ou música com um parceiro, procuro fazer isso sozinho, como se tudo estivesse sendo feito naquela hora. Não transo essa de compor no meio da festa.

— *Está havendo uma contradição. Você disse, há pouco, que as relações, mesmo íntimas, não interferem no seu processo de criação. Como explica, então, músicas compostas para as suas filhas, irmãs e amigos?*

— A origem de uma canção nem sempre parte de dentro de você. Ela pode vir de fora. A coisa marca, impressiona, ocupa a sua mente no momento de criação, é elaborada e acaba se transformando numa música ou num verso. Nesses casos, eu não parto da inspiração, mas de uma sugestão. Assim acontece nas músicas para uma peça ou um filme. Mas não me obrigue a ir muito a fundo no meu processo de criação. É um mistério que eu não gostaria de descobrir.

— *Dizem que você é o porta-voz da consciência brasileira. Estão certos os que assim julgam?*

— Não sou nem pretendo ser. Não tenho essa ambição ou pretensão. A música popular, sim, pode ser porta-voz da consciência brasileira. Ela tem essa função e eu participo desse processo.

— *Mesmo as que são rotuladas de comerciais?*

— Não me cabe fazer distinções. Esse, sim, é o papel dos críticos. E deveria ser feito com uma sutileza que não



tenho lido ou ouvido. Nossa música tem muito valor. Inclusive esse, de ser porta-voz da consciência brasileira. Mas os críticos não se dão conta desse importante papel da MPB. O crítico, normalmente, é o último da fila. Existem diferenças, concordo, entre a nossa situação de músico para a do crítico. Nós, mesmo estando trabalhando para uma multinacional, dispomos de mais liberdade que os críticos. Eles estão presos à linha editorial do jornal, revista ou televisão em que trabalham. Lembro, agora, de um dado importante: em todo aquele clima de repressão e ditadura, as multinacionais eram nossas aliadas. Era uma aliança estranha, mas verdadeira. A existência da Censura não interessava aos interesses das multinacionais.

— *Fala-se muito do valor literário das suas letras. Você dá muita importância a essa parte do seu trabalho ou acha que existe uma supervalorização de tudo o que você cria?*

— Não consigo separar minhas letras das minhas músicas. Componho tudo junto. Música e letra. É uma unidade. E é esta unidade que, na minha opinião, valoriza todo o meu trabalho. Pensar de modo diferente me faria sentir como se a minha obra estivesse mutilada.

Uma opinião pessoal sobre Cauby Peixoto

— *Qual a razão da sua posição paternalista em relação ao Moreira da Silva?*

— Porque ele é uma pessoa incrível pela sua vitalidade aos 73 anos de vida. É uma criança. Tem um ressentimento justo de uma geração que lutou muito — a dele —, que trabalhou muito e que foi roubada, sistematicamente, a vida inteira. Nós estamos lutando para valorizar, até economicamente, os músicos brasileiros. A situação está melhorando um pouquinho. No passado, o músico se sentia honrado em ser convidado para animar as festas do soçaito, tocando violão sentado no tapete da sala. Seu pagamento era um tapinha nas costas. Por ter a sua imagem ligada à malandragem,

Moreira não tinha acesso a essas festas. Por isso ele se sente espoliado. Vê o pessoal mais novo recebendo mais dinheiro do que ele poderia e deveria ter recebido. E guarda um rancor de tudo isso. Mas eu entendo o Moreira e o seu rancor.

— *Qual é a sua opinião sobre Caetano Veloso?*

— É uma pessoa doce e corajosa. Ele não tem medo de ser antipático, quando necessário. Nem de brigar com a crítica, quando é necessário.

— *E você tinha esse medo?*

— Eu achava que não valia a pena comprar essa briga. Éramos todos vítimas da Censura, da ditadura. Não valia a pena comprar uma briga naquelas circunstâncias.

— *Cauby Peixoto?*

— E um excelente cantor. Gosto muito da gravação que ele fez da minha música. Ela foi composta, na verdade, para a minha irmã Cristina. Ele não sabia disso, estou certo. Quando entreguei a fita para ele — não conheço o Cauby pessoalmente — disseram que eu havia composto a música para ele cantar. Fiquei chateado com tudo o que aconteceu depois. Percebi que usaram a ingenuidade do Cauby. E a minha irmã, para quem nunca antes havia composto uma música, gravou a mesma música, numa interpretação que eu também gosto muito, mas que para todo mundo passou como se ela houvesse regravado uma música feita para o Cauby...

— *E isso aumentou a bronca que você tinha da TV Globo, ao ponto de insistir em não se apresentar nela, é verdade?*

— Essa é uma rixa antiga. Eu não preciso da TV Globo e ela não precisa de mim. Espero que venhamos a ter uma maior abertura em termos de televisão. São raras as exceções. Eu acho importante fazer televisão, pretendo fazer, mas não é uma necessidade absoluta e prioritária na minha vida.

— *Você resolveu assumir uma posição mais aberta e franca na defesa dos direitos do músico brasileiro. Como reage, então, ao saber que cantores brasileiros estão gravando os seus discos fora do Brasil?*

— Quando você toma essa decisão, está deixando de dar emprego ao músico brasileiro, que é muito espoliado pelas gravadoras. Mas existem tantos jogos de interesses das multinacionais, tanta safadeza, que, quando o Roberto Carlos decide ir gravar os seus discos nos Estados Unidos, isso chega a ser uma coisa irrelevante.

— *E quais são essas safadezas, Chico?*

— Isso já é papo para outra entrevista. Se a MANCHETE tiver interesse em publicar, me proponho a reunir os músicos que estão mais familiarizados do que eu com os problemas que enfrentamos. É só marcar que todos nós estaremos lá. E seria até interessante contar com a presença de alguns representantes das próprias gravadoras.